

## RECENSÃO CRÍTICA

*Fonologia e Gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*, de Aline da Cruz. Utrecht, Países Baixos: LOT, 2011. 652 páginas, 1ª edição.

**Eduardo de Almeida Navarro<sup>1</sup>**

O livro recém-editado de Aline da Cruz, intitulado “*Fonologia e Gramática do Nheengatu*”, foi originalmente uma tese de doutorado apresentada a uma universidade holandesa. Traz contributo inegável a um campo de estudos onde são escassas as pesquisas. Trata-se de uma análise estruturalista do Nheengatu falado no Vale do Rio Negro, Amazonas. Muitas de suas análises são importantes para a compreensão de fenômenos morfossintáticos pouco esclarecidos nas escassas gramáticas normativas que há daquela língua. No que tange à fonologia, é certamente o estudo mais alentado que há sobre o Nheengatu.

A obra, contudo, está muito aquém do que se poderia chamar um ótimo trabalho. E isso pelas seguintes razões:

1. Há contradição palmar entre os objetivos declarados no introito do livro e o que realmente se encontra apresentado nele.
2. Ocorrem muitos erros naquilo que a autora chama de “incurções diacrônicas”, as quais exigiriam dela um conhecimento

---

<sup>1</sup>Professor associado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo

de Tupi Antigo (ou Tupinambá, como ela prefere designar aquela língua). Mais preocupada em utilizar o seu jargão estruturalista, descuroou completamente a busca das fontes primárias para fazer análises de caráter diacrônico.

3. Vislumbram-se, na obra, erros e imprecisões históricas.
4. Há, enfim, nele, desrespeito constante à norma culta escrita da língua portuguesa.

Deter-nos-emos, a seguir, em cada um dos pontos enunciados acima, dando somente alguns exemplos para ilustrar os senões da referida obra. Ora utilizaremos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional, ora a ortografia encontrada nos textos coloniais e nos dos séculos XIX e XX.

### **1. Contradição entre objetivos e fatos**

Na p. 12 do livro de Cruz lê-se:

*“Em curso de Magistério Indígena, realizado em 2007, alguns professores em formação explicaram que o termo “língua geral” tem valor pejorativo. Para esses falantes, língua geral serve para identificar a fala de pessoas que misturam constantemente Nheengatu e Português. O termo Nheengatu, por sua vez, representa uma identidade cultural em formação. Por essa razão, chamamos a língua descrita neste trabalho de Nheengatu.”*

Ora, é justamente o oposto disso que vemos apresentado na tese de Cruz, em grande parte do seu

longo texto. Se o que lhe disseram os professores do aludido curso tem fundamento, Cruz deveria, coerentemente, ter chamado a língua que descreveu de *Língua Geral*, pois, na verdade, o que ela estudou foi, *ipsis verbis*, a “*fala de pessoas que misturam constantemente Nheengatu e Português*”, da mesma forma que o é o *Jopará* (“mescla”, em Guaraní) do Paraguai. Utiliza uma metalinguagem elaborada para tratar de uma situação de decadência e diz que isso *representa uma identidade cultural em formação*. Vejam-se alguns exemplos de tais asserções:

**U restu** ti ya-maã. - O resto não víamos. (p. 521)

**Então** ae a-yu-mbue pe-iru). - Então, isso aprendi com vocês. (p. 534)

Tau-munhã arã **pesquisa uvalei** ta-xupe arã **komo nota tenki** maã nhaã **professor uakompanhai**. - Para fazer uma pesquisa valer como nota para eles, o professor teria que acompanhar. (p.504)

Aputai maã asendu **si nunca** tau **kastigai** inde. - Queria ouvir se nunca castigaram você. (p. 503)

**Ukonhesei profundamente** maã nhaã kariwa **ukonhesei** waa. - Ele conhece profundamente aquilo que os brancos conhecem. (p. 513)

**Tenki resegurai** mame puranga waa. - Você tem de segurar onde que é bonito. (p. 514)

Se manha ti **upudei uiskrevei**. - Minha mãe não pode escrever. (p. 536)

Kua **tempu** tu **resebei** wã kua **farda**... - Neste tempo, recebiam já uniforme? (pp. 487-488)

**Não sei certo u** ti **serto** yawe. - Não sei se certo ou não certo, assim... (p. 488)

**Porke** aikue **iskola indígena** ixe **aseitai agora diferenciada** xará nhaã ti akua. - Porque haver escola indígena, aceito. Agora, diferenciada para mim não sei. (484)

## 2. Análises diacrônicas incorretas

Em suas “incurções diacrônicas”, Cruz cometeu diversos erros. Isso se evidencia em muitos passos de seu trabalho. Vejamos alguns deles:

### p. 196

Cruz, em nota de rodapé, aduz o seguinte:

*“...Segundo Rodrigues (1953), em Tupinambá (e outras línguas da família Tupi-Guarani), a oração com advérbio à esquerda exigia um prefixo da série estativa: kuese xe só, ontem 1sg<sub>E-ir</sub> ‘ontem eu fui’, tratado como indicativo II”.*

Na verdade, Cruz, no passo aludido, deveria ter escrito *kuese xe sóu*, forma do modo indicativo circunstancial, isto é, com o sufixo **-u** (um **-w**, na verdade). Ademais, atribui a tal modo verbal uma obrigatoriedade de emprego que ele não tinha. Anchieta, em sua *Arte* (p. 39v), ensina-nos que ele era empregado obrigatoriamente somente com a 3ª pessoa.

### p. 217

Cruz, citando Aryon Rodrigues, erra ao dizer que “a posposição *irumu* gramaticalizou-se a partir do nome relativo *rumuara*, ‘companheiro, amigo’. [Rodrigues apud Oliveira (2008, 69)]”.

Com efeito, tal posposição provém do Tupi Antigo **iru)namo (iru)** - *companheiro* + **-namo** - *na condição de, como: como companheiro de*, em sua forma variante braquissêmica **iru)mo**:

*Neʔi, t'asó ne iru)mo... - Eia, hei de ir contigo. (Anchieta, Teatro, 64); OréBe t'oré mond)ki, ne iru)mo t'oro—koBé. - Que ela nos destrua para que vivamos contigo. (Anchieta, Poemas, 148).*

Foi o tema nominal **rumuara** que proveio de **irumu** e não o contrário: **irumu** + **-wara**: *o que está com*. **Rumuara** é palavra da Língua Geral. Como poderia o mais antigo provir do mais recente?

#### **p. 245**

Lê-se aí o seguinte:

*O sufixo -wara, derivador de nomes de procedência, indica a procedência de uma entidade. O sufixo pode-se combinar com qualquer expressão que se refira a uma localização espacial.*

Em nota de rodapé, na p. 245, Cruz adita: “Adotamos o termo utilizado por Rodrigues (2010).”

Ora, Rodrigues, no artigo aludido, refere-se a um sufixo do Tupi Antigo (**-nwar**) que não tem correspondência exata com o sufixo **-wara** do Nheengatu. Este sufixo do Nheengatu assume funções distintas exercidas por três diferentes sufixos em Tupi Antigo:

- 1.) -\war (com a variante -\wan)
- 2.) -swar (com as variantes -nwar, -wan)
- 3.) -sar

Todos eles são sufixos nominalizadores, mas empregados em diferentes situações:

**1)** O sufixo -\war forma *nomes de procedência* ou *naturalidade*. Pode ser traduzido por *o que é de, o que está em, o habitante de, o natural de*.

Ex.-

\Bak \wara - o celestial, o que é do céu (Valente, *Cantigas, apud* Araújo, *Catecismo*, 1618)

mamō \wara - o que é de longe, o forasteiro (*VLB*, I, 141)

ka?a \wana - o silvestre, o que vive pela mata (*VLB*, II, 41)

**2)** O sufixo -swar [com as suas variantes -nwar, -wan], do Tupi Antigo, nominaliza complementos circunstanciais.

Ex.-

**Temí?u ?ara-iaBi?ō-nwara eime ?eng (...) oréBe.**

A comida *quotidiana* (i.e., *a de cada dia*) dá para nós. (Araújo, *Catecismo*, 13v)

**S—e resé-nwara eBokwea.** - Isso é a meu respeito (isso é o que me interessa). (*VLB*, II, 74)

Em Nheengatu, -wara também assume tal função:

**kuximawara** - o que é de antigamente

**resewara** - o que é a respeito de, a história, a notícia

**3)** O sufixo -sar do Tupi Antigo também assumiu a forma -wara em formas cristalizadas do Nheengatu, não sendo mais produtivo.

Ex.-

**nheengawara** - falante (Stradelli, 577)

Assim sendo, como vimos, o sufixo **-wara** em Nheengatu desborda da função que Cruz atribuiu a ele, o de *derivador de nomes de procedência*.

**p. 247**

Ali a autora labora em erro ao afirmar que

*“...em Nheengatu -emi- deixou vestígios nos nomes cristalizados mitima ‘plantação’, a partir de yutima ‘plantar’, muraki ‘trabalho’ de puraki ‘trabalhar’ e murasi ‘dança’ de purasi ‘dançar.’”*

Na verdade, o prefixo que aparece nesses nomes cristalizados é **m-**, não **-emi-**, de forma absoluta dos temas nominais possíveis iniciados com **p-**. (Lemos Barbosa, 1956, p. 297, § 862; Navarro, 2008, §532)

**p. 275**

Ali lemos:

*O quantificador mui(ri) ‘muito’ foi emprestado (sic) do Português, muitos - ou do Espanhol muy, uma vez que seu uso é mais comum no Xié, onde o contato com indígenas da Colômbia é mais intenso.*

Na verdade, **muíri** é palavra proveniente do Tupi Antigo, isto é, de **moB)r** (com as variantes **mboB**), **moB**) etc.). Significa em Tupi

1. *Alguns (-umas); poucos (-as)*

Ex.-

*A—rarôpe muru ká; na **mboB**) ruã... - Hei de irritar os malditos; e não são poucos... (Anchieta, Teatro, 168)*

2. *Quanto? Quantos? Quantas vezes?*

Ex.-

**MboB**) mba?e resépe asé —erurew...? - Por quantas coisas a gente pede? (Araújo, *Catecismo*, 26); **MboB**)pe sep)? - Quanto foi o pagamento? (Araújo, *Catecismo*, 107)

Os exemplos abaixo, respigados em Amorim (1928), confirmam que o termo **muiri** tem originalmente, em Nheengatu, os mesmos sentidos que tem **moB)r** em Tupi Antigo:

**Muyre ara riré aé nti uana oatá kuau, iumasy oiku.** - Depois de alguns dias não podia mais andar de fome. (Amorim, pp. 18 e 30)

**Mira! mira, paá, omanu Uaraku Kakuri táupé, muyre nhunto ana paá opitá.**  
Gente! Gente, contam, morreu Cacuri na cidade do Uaracu. Somente alguns, contam, escaparam. (ibidem, pp. 67 e 89)

**Ixé xaiure xaiuká pau muyre Arara mira.** - Eu venho para matar tudo quanto é gente Arara. (ibidem, pp. 70 e 92) (grifos nossos)

Assim, de modo algum provém tal palavra do Castelhana, como supôs Cruz em seu trabalho.

#### **p. 294**

Em nota de rodapé, Cruz repete mais um engano de Rodrigues, dizendo que **ukar** é forma causativa utilizada com predicados transitivos. Com efeito, **ukar** não passa de um verbo, não sendo, de forma alguma, um *sufixo* de uma *voz causativo-prepositiva*, como equivocadamente a chama Rodrigues (1953, p. 136). Ademais, a terminologia de Rodrigues é inadequada, haja vista que, em Tupi Antigo, não existem preposições, senão posposições.



O que prova que **ukar** não é sufixo é que tal palavra combina-se com sufixos nominalizadores, como só os temas verbais fazem em Tupi Antigo. Vejam-se os dois exemplos abaixo que patenteiam o sobredito:

**ukasara** - o que manda, o que faz fazer algo, o mandante: *i—uká-ukasara...* - o que manda matá-lo (Araújo, *Catecismo*, 279, 1686); **ukasaBa** (ou **ukaraBa**) - tempo, lugar, modo etc. de mandar, de fazer alguém fazer; o ato de mandar: *PitaNa mokō—ro?) omoaw—eBa?e mombaBukarawera ?ara—a—moeté ko?)r...* - Agora comemoramos o dia em que mandou eliminar as crianças que completavam dois anos. (Araújo, *Catecismo*, 139, 1686)

Sendo verbo terminado em **r**, **ukar** forma seu gerúndio com a supressão do **r** final de seu tema (Anchieta, *Arte*, 28v):

*Ema?enāNatu s—e ri, s—e mbo?are?)muká.* - Vela bem por mim, mandando que não me façam cair. (Anchieta, *Poemas*, 142)

### p. 368

Equivoca-se Cruz quando afirma:

*A partícula aikue ‘existencial’ parece ter sido gramaticalizada a partir do demonstrativo <akwée> ~ <akwey> do Tupinambá.*

Na verdade, **aikue** é forma proveniente do verbo **ikoBé**, do Tupi Antigo, combinado com o morfema **o-**: **o—koBé**, que, nessa língua, significava *há, existe*, assim como **aikue**, em Nheengatu.

Ex.-

**O—koBé** —emombeʔu, mosaNa mwe—rab)—ara. -  
Existe a confissão, remédio portador de cura. (Anchieta,  
Teatro, 38)

**O—koBé** s—e p)t)Bōanameté..., tuB)ixakatu  
A—mbiré... - Existe meu auxiliar verdadeiro, o chefe  
Aimbirê. (Anchieta, Teatro, 8)

**O—koBé**pe amō aBá sekoB—aramo? - Há algum  
homem na condição de seu substituto? (Araújo,  
Catecismo, 50v)

Tendo sido informada por nós, em 2011, de sua equivocada opinião, Cruz escreveu-nos o seguinte:

*Quanto à forma <oikobé>, trabalho com a hipótese de que tenha se transformado no Nheengatú iku ‘estar’, que se flexiona com prefixos da série dinâmica.*

Ora, na verdade, **iku** provém do verbo Tupi **ikó / ekó**.

#### **p. 344**

Outro erro que comete Cruz ao tratar da partícula **será** é afirmar que

*“a partícula é uma inserção direta do verbo Português será ‘ser’: 3sg/impessoal.indicativo.futuro’. Na língua fonte, **será** é utilizado em primeira posição como modalizador epistêmico, indicando dúvida: Será que vai chover? ... Em Nheengatú, **será**, invariável, tem valor mais gramatical de partícula de questão polar.”*

**Será** provém do Tupi Antigo **serã**, registrado desde o século XVI, com o mesmo sentido que tem aquela partícula em Nheengatu, empregada para a formulação de questões (*acaso? será? porventura*):

A—pó tekó-p) *sasu aBá serã* oweru...? - Aquela lei nova, quem a trouxe? (Anchieta, Teatro, 4); P) *saré serã* ere—kó ariñama mokañema? - Acaso a noite toda ages para fazer sumir as galinhas? (Anchieta, Teatro, 30); Ereruretá *serã*? - Acaso trouxeste muitas coisas? (Anchieta, Teatro, 44); Mamō *serã* s—e sówne...? - Para onde será que eu irei? (Anchieta, Doutrina Cristã, I, 221); Marã *serã* ture?)mi? - Por que ele não vem? (VLB, II, 8)

**p. 370**

Aqui vemos mais um equívoco de Cruz:

*“No início do século XX, uma forma *sucui* 'eis aqui' foi registrada no Nheengatú falado no rio Negro (Stradelli 1929, 650) e no rio Solimões (Tastevin 1923 [191a], 570). Para Tastevin, a forma <sucui> ~ <mi xucui> teria sido criada a partir da combinação do verbo *su 'ir'* com <cu> 'demonstrativo de proximidade' (em Nheengatú do Rio Negro, kua). Outra possibilidade é que a forma tenha se originado da combinação de *su 'ir'* com *kuirí* 'agora', uma vez que *kuirí* tende a ser reduzido a *kui* por elisão silábica<sup>145</sup>. O fato de a forma estar presente em Nheengatú do Solimões, no entanto, mostra ser necessária a reavaliação de uma possível interferência das línguas Arawak, uma vez que naquela região não havia esse substratum. Os dados de Tastevin apontam que o processo de formação de <sucui> 'eis aqui' é anterior ao contato do Nheengatú com os Baniwa. O autor acrescenta que <sucui> teria substituído uma forma mais antiga *nucui*, registrada por Figueira no século XVI. No entanto, Stradelli e Tastevin não apresentam exemplos de uso da partícula. O substratum Arawak pode ter contribuído para a manutenção da partícula no Nheengatú.”*

Na verdade, **sucui** é forma que provém de **secou**, do Tupi Antigo (**secoi**, na Língua Geral Amazônica do século

XVIII), do modo indicativo circunstancial do verbo ditemático **ikó / ekó**:

*Kó **sekou** kó. - Eis que está aqui. (VLB, I, 109)*  
*Iqué **recòì** oca catú... -Aqui está uma boa casa.*  
*(Vocabulario da Lingoa, sec. XVIII)*  
*Nabà **cecòì** Taba pupé... - Não há ninguém na aldeia.*  
*(Vocabulario da Lingoa, sec. XVIII)*  
*Kunhã iké **sekóu** biã mã! - Oxalá houvesse uma*  
*mulher aqui! (Anchieta, Doutrina Cristã, II, 93)*

**p. 363**

No passo seguinte, Cruz começa por citar Rodrigues (2001) e acaba aceitando cabalmente opiniões equivocadas:

*“Segundo Rodrigues (2001), a indicação de existência de uma entidade em Tupinambá ocorria pela expressão do nome sem caso, como ilustram exemplos registrados no século XVI por Jean de Léry: mókáb-0 'há armas de fogo', akarápéB-0 'há acarás chatos', 0-aóB-O'há roupas'.*

Ora, com relação à citação que ele faz de Jean de Léry, há lá dois problemas:

1. Rodrigues erra na tradução do calvinista francês num texto que é bilíngue no original:

***-Maé pérérout de caramémo poupé?** Quelle chose est-ce tu as apportée dedans tes coffres? (Que coisa tu trazes dentro de tuas canastras?)*

***-Aaub,** des vestements. (Roupas.) (Léry, p.481)*

Ora, o índio não perguntou a Léry: *-Que coisa há dentro de tuas canastras.* Léry não respondeu ali: *-Há*

roupas, pois tal resposta não era apropriada à pergunta que lhe fora formulada.

A mesma coisa acontece aqui:

**-Esse non bat.** *Nomme tout. (Nomeia tudo.)*

**-Coromo.** *Attens um peu. (Espera um pouco.)*

**-Nein.** *Or sus doncques. (Eia, pois.)*

**-Mocap.** - *Artillerie à feu... (Armas de fogo).* (ibidem, p.482)

Rodrigues vislumbrou aí uma forma que expressa existência. Com efeito, nos dois exemplos acima, Léry usa formas de valor argumentativo. Com efeito, o sufixo nominalizador **-a**, das formas argumentativas do Tupi Antigo é sistematicamente omitido por Léry:

**Mamo-pe se tam?** (em vez de **setama**, com o sufixo **-a** de formas argumentativas de temas nominais terminados em consoante.) *Où est sa demeure? (Onde é sua morada?)* (ibidem, p. 486)

**Ché-asseoc.** (em vez de **asseoca**) - *Mon gosier. (Minha garganta.)* (ibidem, p. 495)

2. Rodrigues serve-se da imprecisão ortográfica dos textos de Léry para dizer coisas que não encontram respaldo em nenhum texto colonial em Tupi Antigo. Tal imprecisão ortográfica não permite a Rodrigues tirar as inferências que tirou.

## **p. 447**

Lê-se ali o seguinte:

*Os verbos auxiliares que ocorrem na estrutura [IP<sub>A</sub>-AUX IP<sub>A</sub>-V<sub>LEXICAL</sub>] são: su 'ir', que atribui valor aspectual de 'ingressivo'.<sup>158</sup>; putai 'querer', que indica volição. Há também empréstimos do Português: **xai** 'deixar', pudei*

'poder', que indica a modalidade da 'habilidade'. (grifos nossos)

Na verdade, o verbo **xári**, do Nheengatu, que possui a variante **xai**, não é nenhum empréstimo do Português ao Nheengatu, mas provém do verbo tupi **e—ar** (deixar), que se combina com o morfema **-s-** ao ser conjugado no indicativo: **ase—ar, erese—ar, ose—ar**. É comum tal categoria de verbos originarem em Nheengatu formas verbais com **x**, em vez de **s**, o qual, então, passa a fazer parte do tema verbal.

Ex.-

**ep—ak** (s) - ver > **xipiá**, em Nheengatu

**ausuB** (s) - amar > **xaisu** em Nheengatu

A mesma coisa aconteceu com **e—ar** (s) - deixar > **xári**, havendo uma forma intermediária **cëar**, registrada várias vezes em textos setecentistas:

***Erimbäé icó ára acëár** - Outrora eu deixei este mundo (Vocabulário da Lingoa)*

#### **p. 374**

Lemos ali o seguinte:

*Em termos diacrônicos, **wera** 'habitual' pode ter sido gramaticalizado a partir de **wera**. 'coxa', nome homófono.*

Como ocorreu a Cruz tal ideia? Que relações se podem, efetivamente, lobrigar entre o sufixo **-wera** e o nome homófono que significa *coxa*?

Na verdade, o sufixo **-wera** provém do sufixo do Tupi Antigo **-swer**, que forma nomes deverbais que indicam propensão, inclinação ou hábito. Após nasal, o sufixo assume a forma variante **-nwer**, que foi, mais propriamente falando, donde proveio a forma **-wera** do Nheengatu.

**p. 502**

Lemos ali:

*A forma mã ‘nome genérico’ [-humano] [+atual] parece estar passando por um processo de gramaticalização para funcionar como um marcador de modalidade hipotética... Como marcador de modalidade hipotética, mã indica que o enunciado deve ser interpretado como uma sugestão ou hipótese.*

Na verdade, tal forma provém da partícula **mã**, do Tupi Antigo, que também marcava modalidade hipotética:

*Na—uka— xwé temō **mã**! - Oxalá não o mate eu! (Figueira, Arte, 27); Owerasó temō sap)?)a ybak)pe Tupana s—e ruBa **mã**! - Ah, oxalá Deus logo levasse meu pai para o céu! (Figueira, Arte, 99)*

### **3. Imprecisões históricas**

Isso se evidencia em alguns passos da obra de Cruz:

**p. 3**

Em seu quadro sinótico intitulado *O Nheengatu e o Tupinambá na Família Tupi-Guarani*, Cruz insere o Pancararu, ao lado do Nheengatu, como proveniente do “Tupinambá”.

Ora, essa é também ideia que Rodrigues propala e que Cruz acata. Importa explicar o problema.

Em 1961, três membros do *Summer Institute of Linguistics*, com a cooperação do Museu Nacional, do SPI e do CNPI, buscaram conhecer a situação linguística dos índios do Nordeste e, com as informações por eles obtidas, foi elaborado um relatório por Robert E. Meader,

o qual só foi publicado em 1976 pelo próprio SIL. Aryon Rodrigues redigiu a apresentação que o referido relatório portava. A grande surpresa trazida pelo aludido relatório foi mostrar que, dos oitenta itens lexicais eliciados de um informante da etnia pancararu, habitante de Brejo dos Padres, em Pernambuco, um terço tinha origem Tupi.

Peter Landerman, membro do SIL no Peru, ao estudar as listas daquele vocabulário elaborado em 1961, observou que aquilo que já fora publicado da língua dos pancararus, por meio do pesquisador checo Cestmir Loukotka, não era de origem Tupi.

Ora, a hipótese que se aventou para se explicar o fato era que aquele informante estava a empregar palavras de uma língua geral, formada a partir do Tupi Antigo, cuja existência na costa Rodrigues sempre negou.

Efetivamente, existem vários indícios de que existiu, sim, uma língua geral nalgumas partes da costa nordestina do Brasil. Estudos de Lee (2005) e Lobo et alii (2006) levam a tal conclusão. Textos literários do Brasil colônia sugerem tal ideia. O próprio Gregório de Matos escreveu em seus versos, com relação aos homens ricos da Bahia, de extração indígena:

*“Há cousa como ver um paiaia / Mui prezado de ser  
Caramuru / Descendente de sangue de Tatu / Cujo torpe  
idioma é Cobepá?”*

*Cobepá?* deve ser corruptela de *Ereicobépe?* (*Passas bem?*), forma de cumprimento em Tupi Antigo (*Catecismo* de Antônio de Araújo, 1618, p. 54). Ora, se os índios paiaias, que não eram tupis, diziam isso, é porque também houve língua geral na Bahia.

Assim, Cruz acatou uma ideia extremamente polêmica de Rodrigues sem a questionar.



*“A partir do século XIX, porém, a língua geral entra em declínio. Vários fatores contribuíram para seu desaparecimento na maior parte da Amazônia. Primeiramente, em 1837-1838, houve uma revolta popular na província do Grão-Pará. Como punição aos revoltosos, o governo imperial (já independente de Portugal) exterminou parte da população indígena e cabocla, muitos dos quais falantes da língua geral.”*

Aqui, Cruz trata de um fato que é um marco miliário da história da Amazônia e da Língua Geral, a Cabanagem. Ele não aconteceu somente em dois exíguos anos, mas de 1835 a 1840. Custou a vida de trinta mil pessoas, que não morreram por as punir o governo imperial, mas por lutarem entrincheiradas em diferentes focos de rebelião espalhados pela Amazônia.

Citando Bessa Freire (2004, 242), Cruz afirma que *“também a Guerra do Paraguai teve consequências devastadoras para os falantes da língua geral, haja vista que foram convocados 2070 homens adultos - muitos deles monolíngues nessa língua - sendo que mais da metade não sobreviveu à guerra”*. Ora, Cruz preocupou-se com detalhes do exício causado pela Guerra do Paraguai, mas este foi pequeno em comparação à Cabanagem, que Cruz nem mencionou nem datou corretamente.

**p. 12**

Lemos ali mais um equívoco de Cruz:

*“Paradoxalmente, no período em que a língua geral entra em declínio, surge um movimento romântico nativista que pretendia registrar a língua e as histórias tradicionais transmitidas em língua geral. Variedades de língua geral foram descritas em O Selvagem (1876), de Couto de Magalhães; em notas sobre língua geral de Hartt (1872) e ainda no dicionário Nheengatu-Português*

*e Português-Nheengatu de Stradelli (1929). Além de estudos descritivos, narrativas foram coletadas por Barbosa Rodrigues (1890) e Brandão de Amorim (1857).”*

Tratar a obra do geólogo canadense-americano Hartt como inserta num *movimento romântico nativista* não faz sentido. Ademais, Brandão de Amorim não publicou suas “*Lendas em Nheengatu e em Português*” no ano de 1857, pois ele somente nasceu em 1865...

É preciso lembrar, ademais, que Amorim fez estudos desde fins do século XIX no Rio Negro, coletando material de tradição oral entre índios e caboclos que eram, muitos deles, monolíngues em Língua Geral. Não se pode comparar sua obra com a de Barbosa Rodrigues ou com a de Couto de Magalhães, haja vista que aquele conviveu com a língua ainda pujante, falada por toda a gente no Médio e Alto Rio Negro e afluentes. No ano de 1928, quando suas *Lendas* foram publicadas, o Nheengatu não estava em declínio naqueles tratos da Amazônia. A própria autora, contradizendo-se, reconhece isso na p. 13:

*“Ainda que o século XIX marque o declínio do Nheengatu, é também nesse período que a língua passa a ser falada no Alto Rio Negro.”*

**p. 316**

Lemos ali:

*“O contato do Nheengatu com o Português ocorre desde o século XVI, quando a língua ancestral, Tupinambá, ainda era falada por indígenas Tupinambá.”*

Ora, o Nheengatu é língua da Amazônia e a colonização portuguesa da Amazônia só se iniciou no

século XVII, com a fundação de Santa Maria de Belém do Grão Pará, em 1616, e com a viagem de Pedro Teixeira em 1637, que subiu o rio das Amazonas.

#### **4. Desrespeito à norma culta escrita da língua portuguesa**

Alguns exemplos (havendo-os outros, que não anotamos. Os grifos são nossos.):

(p. 13) *A chegada do Nheengatu **no** Rio Negro...*

(p. 368) Se este é o caso, devemos nos perguntar quais materiais morfológicos **teriam sido reanalisado** em Nheengatu...

(p. 492) Em termos formais, os predicados subordinados **mantém** a mesma configuração morfológica de predicados independentes: verbos dinâmicos **mantém** morfologia de verbo dinâmico; verbos estativos **mantém** morfologia de verbo estativo.

(p. 508) A compreensão das **sutilizas** de modalidade da língua...

(p. 414) ...mas não é condição **imprecindível**.

(p. 227)

*Diferem das partículas (v. 8.1) por serem compatíveis **a** clíticos de aspecto...* (em vez de *compatíveis com...*)

(p. 264) *Aquele Fulano **estragou eles** antigamente.*

(p. 292) **Banhávamos** no igarapé.

(p. 275) O quantificador *mui(ri)* ‘muito’ **foi emprestado do Português, muitos - ou do Espanhol muy...**

Tal emprego do verbo emprestar não é abonado pelos dicionários, sendo considerado um brasileirismo encontrado no Brasil de sudeste e centro-oeste e, portanto, deveria ser evitado em textos onde se exige o emprego da norma culta.

(p. 352) Ah **cumpadre!** Este roçado é meu.

(p. 357) Apesar de que, dada **à** distância cultural, seja metodologicamente muito difícil para os pesquisadores...

(pp. 393-394) Um verbo como *manu* ‘morrer’ tem características semânticas que o tornam facilmente **acessíveis** ao causativo.

(p. 404) ... quando o falante avisa seu interlocutor **de** está indo embora.

(p. 496) Se você rouba você faz **teu** castigo.

(p. 416 e em muitas outras):

*Em Nheengatu, todos os argumentos podem estar sob **escopo** da partícula taa ‘interrogativo’.*

(p. 443) O enunciado (881) ilustra o verbo *iku* com **escopo** em uma construção com verbo auxiliar...

(p. 399) Como a maioria dos clíticos tem provável origem em partículas flutuantes com **escopo** à esquerda, são realizados como ênclise.

(p. 284) Os quantificadores têm **escopo** no sintagma nominal como um todo.

Ora, em Português, *escopo* significa *alvo, mira, intuito; intenção*. Há outros sentidos técnicos dessa palavra, no âmbito da Informática, da Lógica e da Matemática. No âmbito da Semântica e da Teoria da Tradução, tal termo é empregado também com sentido específico. Há quem use *escopo* com o sentido que tem o termo **scope**, em Inglês: *alcance, extensão, campo ou esfera de ação, âmbito*, uso esse ainda não abonado por qualquer dicionário luso-brasileiro da língua portuguesa.

Nos excertos acima, Cruz usa o termo *escopo* com sentidos que não são claros.

### **Conclusões**

Embora as análises de Cruz sobre o Nheengatu sejam úteis e proveitosas, seu livro recém-publicado precisa passar por uma profunda revisão para ser reeditado. Ele deve ser escoimado dos erros indigitados anteriormente; uma revisão ortográfica e gramatical faz-se imperiosa.

É contraditório que a avidez por criação de terminologia (é o que mais fazem as análises estruturalistas), como que a expressar extremo rigor científico, não encontre no trabalho de Cruz nenhum rigor no que ela chama de “incursões diacrônicas”. Terminologia rebuscadíssima, de um lado, e falta de conhecimentos das fontes primárias, de outro.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMORIM, Antônio Brandão de. *Lendas em Nheengatu e em Português*. Manaus, Fundo Editorial - Associação Comercial do Amazonas, 1987.

ANCHIETA, Joseph de, *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1991.

- \_\_\_\_\_, Poemas (tradução de Eduardo A. Navarro). São Paulo, Editora Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_, Teatro (tradução de Eduardo A. Navarro). São Paulo, Editora Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_, *Doutrina Cristã*. São Paulo, Edições Loyola, 1992 (2 vols.)
- ARAÚJO Antônio de, *Catecismo na Lingoa Brasilica no qual se contem a summa da doutrina christã. Com tudo o que pertence aos Mystérios de nossa sancta Fé & bõs costumes*. Reprodução fac-similar da 1ª edição (1618), com apresentação do Pe. A. Lemos Barbosa. Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1952.
- BARBOSA, Antônio Lemos, *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1956.
- BESSA FREIRE, José Ribamar, *Rio Babel - A história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro, Atlântica, 2004.
- FIGUEIRA, Luís, *Arte de Grammatica da Lingoa Brasilica*. Miguel Deslandes, Lisboa, 1687 (Ed. facsimilar de Julius Platzmann, sob o título *Gramática da língua do Brasil*). B. G. Teubner, Leipzig, 1878.
- LEE, Kittiya. *Conversing in Colony: The Brasilica and the Vulgar in Portuguese America, 1500-1759*. Baltimore: Tese de doutorado, The John Hopkins University, 2005.
- LÉRY, Jean de, *Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Bresil autrement dite Amerique. Reveue, corrigee et bien augmentee em ceste seconde edition, tant de figures, qu' autres choses notables sur le sujet de l'auteur*. Genève, Antoine Chuppin, [1580]. (Edição diplomática com texto estabelecido, apresentado e anotado por Frank Lestringant. L.G.F., Le Livre de Poche, Bibliothèque Classique, Paris, 1994.)
- LOBO, Tânia C. Freire et alii, Índicios de língua geral no sul da Bahia na segunda metade do século XVIII. In Tânia Lobo et al. (org.), *Para a História do Português Brasileiro. VI: Novos dados, novas análises*. Salvador, EDUFBA, 2006, 609-630.
- MATOS, Gregório de, *Obras Completas* [Edição organizada por James Amado et al.] Salvador, Janaina, 1969, 7 vols.
- MEADER, Robert E., *Índios no Nordeste - Levantamento sobre os Remanescentes Tribais do Nordeste Brasileiro*. Cuiabá, Sociedade Internacional de Linguística, s/d.
- NAVARRO, Eduardo de A., *Método Moderno de Tupi Antigo - A língua do Brasil dos Primeiros Séculos*. São Paulo, Editora Global, 2006, 3ª edição.

- \_\_\_\_\_ A Escravização dos Índios num Texto Missionário em Língua Geral do Século XVIII (VOCABULÁRIO DA LINGOA). In *Revista USP*, 78. São Paulo, junho-julho-agosto de 2008.
- \_\_\_\_\_ O Corista Europeu. Tradução de um texto anônimo, em língua geral da Amazônia, do século XVIII (VOCABULÁRIO DA LINGOA). In *Língua e Literatura*. São Paulo, FFLCH da USP, n. 27, 2009.
- \_\_\_\_\_ *Narração que faz um sertanejo a um seu amigo de uma viagem que fez pelo sertão*. Tradução de um texto anônimo, em língua geral amazônica, do século XVIII (VOCABULÁRIO DA LINGOA). In *Revista USP*, 90. São Paulo, junho-julho-agosto de 2011.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna, Morfologia do verbo Tupi. Curitiba, *Letras*, pp. 121-152.
- \_\_\_\_\_ Estrutura do Tupinambá. In *Língua e culturas Tupi*. Brasília & Campinas, LALI & Nimuendaju, pp. 11-42.
- \_\_\_\_\_, Sobre a Natureza do Caso Argumentativo. In *Des noms et des verbes em tupi-guarani: état de la question*, por F, Queixalós. München, Lincom Europa, 103-114.
- STRADELLI, E., Vocabulário da Língua Geral: Português-Nheengatu e Nheengatu-Português. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 104 (158). Rio de Janeiro, 1929.
- VLB (VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA). (2ª edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa por Carlos Drumond). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim nº 137, Etnografia e Tupi-Guarani, nº 23, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1952.
- VOCABULÁRIO DA LINGOA. Manuscrito anônimo, de número 569. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal. Foram publicados os textos referidos na recensão em três diferentes artigos (v. NAVARRO)